



PAULO FREIRE NO BRASIL E NO EXTERIOR: A LEITURA FORA DE LUGAR¹

Yan Caramel Zehuri²

RESUMO

A emergência da educação popular na América Latina dos anos 60 tem Paulo Freire e sua Pedagogia do Oprimido como referência teórica fundamental e aponta para uma ligação epistemológica entre educação e política. O sujeito histórico das lutas no continente proporcionou aos educadores do período uma formulação estratégica e pedagógica que se concretiza na obra freireana. O problema da direção do processo pedagógico se confunde com as contradições da própria direção política das lutas e nos convida a pensar sobre os caminhos e instrumentos para os aprendizados e as lutas que vivemos. A partir da interpretação criativa do marxismo freireano a pesquisa aproxima as contribuições de Marx, Engels e Rosa Luxemburgo do debate metodológico acerca do conceito de Pedagogia do Oprimido e de Páscoa, em Freire. Esse legado das lutas latino-americanas nos anos 60 se perdeu com a derrota diante do contexto neoliberal e das (contra)reformas educacionais contemporâneas no Brasil. O artigo revela que o conteúdo crítico da obra vai muito além de grande parte da leitura que se faz do educador no Brasil, revelando uma situação sintomática em relação a sua apropriação. Isso pode ser observado pelos textos de alguns de seus principais intérpretes e pelos dados acerca das obras mais citadas de Freire no Brasil, que é consideravelmente diferente das obras citadas no exterior. Os resultados revelam contradições acerca do significado de Paulo Freire que remetem a contradições da própria história latino-americana.

Palavras-chave: Paulo Freire, Educação Popular, América Latina, Estratégia Política.

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda o deslocamento da interpretação de Freire de seu lugar original, digamos assim, histórico e vinculado às lutas revolucionárias, para uma perspectiva moderada e, em seguida, para uma leitura denunciante de seu caráter revolucionário. Não pretendo discutir se há uma moderação do próprio autor nos anos 80 e 90. O foco são as obras que foram escritas entre 1967 e 1974 e suas interpretações, abrangendo o período de radicalização e ascensão do seu pensamento e dos seus textos à nível internacional. Trago dados acerca das obras do período, suas interpretações e das citações feitas a essas obras.

Segundo Paiva (1978), o pensamento de Paulo Freire se enquadra numa articulação entre o existencialismo cristão e o culturalismo característica da primeira

¹ Este artigo resulta de uma pesquisa de doutorado financiada pela CAPES.

² Cientista Social, Mestre em Ciência Política e doutorando em Educação, pela UNICAMP. Contato: yancaramel@yahoo.com.br.



fase do ISEB, sob influência de Hélio Jaguaribe. Saviani (2021) afirma que a citação de autores marxistas em “profusão”, em *Pedagogia do Oprimido*, não corresponde a um compromisso teórico de Freire com o materialismo. Discutindo a referência que Freire faz ao marxista francês Lucien Goldmann, Saviani (2021) diferencia a concepção fundamentada no pensamento de Lukács e o suposto idealismo freireano sem fundamentar suficientemente a sua crítica nesse sentido.

A maior parte das leituras da obra de Paulo Freire o interpretam realmente na chave da Escola Nova e não dão a devida atenção à especificidade do que se chamou Escola Nova Popular (SAVIANI, 2011) ou da Educação Popular (SCHLINDWEIN e CATINI, 2021). Também há uma aproximação ao pensamento ideabiano, contudo, a falta de precisão se assemelha ao que Lovatto (2021) identifica em relação ao “último ISEB”.

Segundo Kirkendall (2010) e Manfredi (1978), ele não mudaria suas concepções, nacionalistas e desenvolvimentistas, bem como o conceito vago de classe social que utilizava. Contesto essa interpretação num artigo em que demonstro a existência de uma teoria da organização revolucionária e do Estado Socialista de transição em *Pedagogia do Oprimido* (ZEHURI, 2024).

Há elementos históricos e bibliográficos suficientes para demonstrar que houve uma ruptura entre os textos freireanos anteriores e posteriores a 1968. No entanto, o objetivo aqui é demonstrar o deslocamento em relação a intérpretes brasileiros e estrangeiros e a discrepância da recepção de sua obra nas línguas portuguesa, espanhola e inglesa: há uma leitura de Freire fora de lugar justamente em sua terra natal.

A leitura que atribui ao autor um pensamento desenvolvimentista ou escolanovista não capta mudanças fundamentais no pensamento de Freire, essas que justificariam o seu status de clássico. Afinal não é a sua herança escolanovista, isebiana ou fenomenológica que o torna um clássico. Por esse caminho deveríamos questionar o status adquirido pelo educador mundialmente, mas o seu reconhecimento mundial vem justamente a partir das obras em que ele aprofunda as teses marxistas de forma original. A riqueza histórica nos textos de 1968-1974 (FREIRE, 2018; FREIRE, 1981) condensa



elementos teóricos preciosos que remetem à práxis de um sujeito revolucionário latino americano, justamente o que o fazem ser um clássico³. Essa interpretação pode ser parcialmente explicada pelo grande volume de citações à fase isebiana do pensamento freireano na língua portuguesa, comparada às citações dos textos de 1968-1974, o que não ocorre nas línguas inglesa e espanhola. Nestas últimas a ênfase das citações é inquestionavelmente o livro *Pedagogia do Oprimido*.

A leitura que se faz da obra freireana pela maior parte dos intérpretes brasileiros parece deixar de lado a centralidade da sua concepção de sujeito revolucionário pós 1968 (GADOTTI, 2008; STREK, REDIN e VITKOSKI, 2015⁴).

Existe uma leitura fragmentária de Paulo Freire justamente no ponto singular que o faz especialmente crítico? Como receava Freire, quando questionado sobre “estar sendo entendido fora da própria língua”, Freire (GUIMARÃES *apud*. SILVA, 2017) teria respondido: “eu estou convencido, Sérgio, de que há um primeiro problema, que é ideológico - o de que o leitor nem sempre lê o que se escreveu mas o que gostaria que tivesse sido escrito”. A questão ideológica, segundo ele, precede à própria diferença linguística, é possível ter uma comunidade de linguagem fora de uma língua nacional, enquanto podemos ter uma profunda incompreensão entre os próprios conterrâneos. Essa incompreensão se relaciona com o lugar que foi atribuído aos intelectuais e os efeitos políticos sobre eles, impostos pela ditadura militar e pelas próprias mudanças da sociedade capitalista. Como afirma Schwarz (1981):

Em parte, a causa desse isolamento social dos estudos esteve na ditadura. Ao desbaratar os trabalhadores em 64, e separá los da vida social pelo medo, ela rasgou o tecido interclasse de assuntos, de ideologias, de retórica e de experiência comum que se havia elaborado antes, e cuja espessura, seja dito entre parêntesis, até hoje confere uma espécie de superioridade literária aos políticos veteranos. As ligações do processo intelectual foram cortadas naquela data. Contudo, e

3 Vasconcelos (2020) afirma que o *Pedagogia do Oprimido* é um documento da Reforma Agrária Chilena. Eu arrisco dizer, sem o rigor historiográfico que fundamenta essa autora, mas estabelecendo paralelos entre a história e a filosofia a partir dessa afirmação, que o livro é um documento da Revolução Latino Americana e é por isso que Freire se tornou um clássico, assim como se tornou um intelectual orgânico da classe trabalhadora no continente.

4 Trata-se de duas coletâneas em que diversos intelectuais do campo freireano escrevem sobre seus conceitos. Pouco ou nada se fala sobre a sua filiação ao marxismo, quando tal referencial teórico não é explicitamente rejeitado pelos intérpretes como sendo algo avesso ao pensamento do autor.





contrariamente ao que seria de esperar, a massa e o valor da reflexão social de lá para cá não pararam de crescer. Dadas as circunstâncias, entretanto, esses esforços tiveram de circular em âmbito apenas acadêmico, o que lhes prejudicou não só o alcance, como também a prosa, a qual se esclerosou no nós-com-nós dos especialistas. A brisa ajudando, são limitações que se desfazem depressa.

Entretanto, não foi só a ditadura que separou os intelectuais do movimento popular. O próprio crescimento do capitalismo, de que aquela foi parte, fez outro tanto. A multiplicação das instituições acadêmicas e dos mídia, que acompanhou este crescimento, absorveu a faixa mais competente da intelectualidade, que muitas vezes sem trocar de convicção, e sequer de assunto, viu seus conhecimentos e habilidades reduzirem-se a trunfos de carreira profissional, sem mais. Onde a ditadura "apenas" cortava e interrompia, a expansão capitalista alterava as perspectivas. Assim, apesar de alguma prosperidade, também aqui a insatisfação é grande. A dose de baixeza que se tornou rotina na universidade de agora e nos mídia, sem falar na degradação de profissões liberais inteiras, do ensino secundário e da administração pública, chama à revolta. Mostra o destino que está tendo o estudo entre nós, e aponta para a luta social como a única — não há nenhuma outra — chance de regeneração (SCHWARZ, 1981, p. 2).

O relatório da Comissão Nacional da Verdade (COMISSÃO DA VERDADE, 2014) afirma que cerca de 150 professores foram punidos por atos oficiais do Governo Federal. Em 1969, foram aposentados compulsoriamente pelo menos 80 professores de universidades federais através do AI-5, sendo 23 da UFRJ e 24 da USP em abril, inclusive o reitor em exercício, e 18 da UFRGS e 15 da UFMG. Através de atos das próprias reitorias foram afastados professores em outras universidades, como a UFPB que, em 1969, afastou cerca 20 professores e a UnB, que afastou 80 professores entre 1968 e 1969 (COMISSÃO DA VERDADE, 2014).

Segundo o relatório, as referências ao 31º Congresso da UNE, ocorrido em 1971, são bem poucas, bem como foi reduzido o número de participantes. As ações cada vez mais clandestinas da entidade foram reprimidas e seus membros foram presos. Isso não impediu que greves ocorressem em 1975, como a mais significativa delas, segundo o relatório (COMISSÃO DA VERDADE, 2014), na Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP, bem como os protestos de rua no ano de 1977. Até o final da ditadura





ocorreram repressões no meio universitário, como a destituição de 8 dos 12 diretores de unidades na Unicamp, pelo reitor, à época, Plínio de Arruda Sampaio (COMISSÃO DA VERDADE, 2014), que havia sido relator do projeto de reforma agrária do governo de João Goulart, em 1964.

Apesar disso, evidentemente, as movimentações críticas e, conseqüentemente, a capacidade de elaboração teórica foi sofrendo com a esclerose apontada por Schwarz (1981). Ao longo da década de 1970 esse declínio foi decisivo para a decisão, na década seguinte, por uma abertura política. Há outros fatores que levaram à abertura política, como a baixa legitimidade do regime e a instabilidade econômica, mas o controle sobre a intelectualidade e os estudantes universitários é certamente um deles. A tradição crítica da pedagogia freireana, que é mais precisamente denominada pedagogia do oprimido, foi mantida viva nos movimentos sociais através do que chamamos Educação Popular (SCHLINDWEIN e CATINI, 2021).

Considerando que a riqueza política dos anos 1960, como qualidade de participação e a consciência, refletida na intelectualidade universitária, e não o contrário, sabemos que a abertura política e as mobilizações dos anos 1980 não pôde recuperar o que havia sido perdido, inclusive porque o cenário internacional já não era o mesmo. O que herdamos, tanto a nível de movimentos sociais e da Educação Popular, como a nível acadêmico, ainda que a luta pela educação pública tenha sido mais ampla do que nunca (RODRIGUES, 2022).

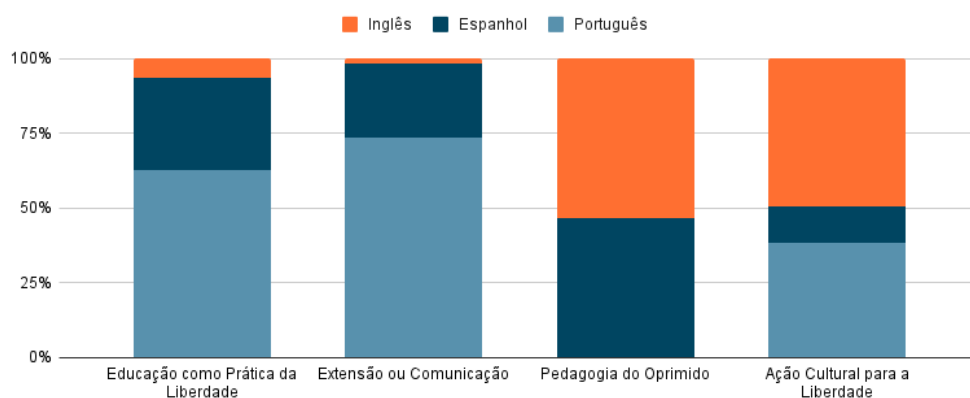
Como legatários diretos da experiência da “Nova República”, cuja identidade se faz sob influência e, ao mesmo tempo, em oposição à experiência anterior (IASI, 2012), podemos pensar os nossos próprios limites retroativamente, como quem vê de fora, olhando para um novo ciclo que quer se abrir. A grande novidade do fim desse ciclo histórico, que considero ser a emergência da extrema-direita bolsonarista, anuncia alguns pontos cegos da esquerda: como um “outro Paulo Freire”, o Freire perigoso. Esse perigoso marxismo cultural também é apontado contra Freire nos EUA, por Lindsay (2022): “Nossos filhos estudam nas escolas de Paulo Freire [...] teoria de educação que



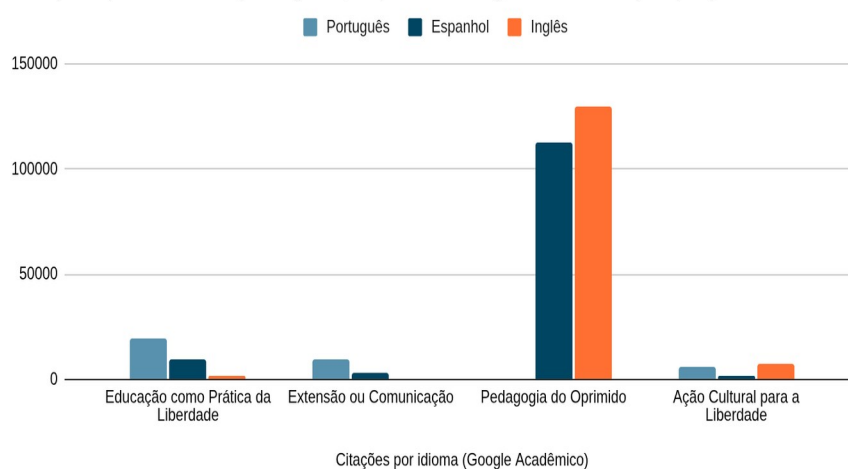
domina todas as faculdades de educação da América do Norte”. Apesar de haver um alarmismo evidente nessa denúncia, que certamente carece de fundamentação, a escolha de Freire como alvo preferencial é mais uma vez reveladora.

Contudo, no Brasil, como citei anteriormente, não é essa a leitura que predomina entre os adeptos de Freire. Antes de tratar de alguns de seus principais intérpretes internacionais, e de alguns deles que o aproximam do marxismo, é interessante notar a recepção da obra de Freire em português, espanhol e inglês. A seguir apresento alguns dados:

Proporção de citações por obra (português, espanhol e inglês) - Elaboração própria



Citações por obra em português, espanhol e inglês - elaboração própria



Os gráficos revelam que são as citações em inglês e espanhol que fazem o Pedagogia do Oprimido ser o terceiro livro mais citado em ciências humanas e o mais citado na área de educação no mundo (GREEN, 2016). E que a importância de Pedagogia do Oprimido é menor no Brasil, comparativamente aos países de língua espanhola e inglesa. Educação como Prática da Liberdade (FREIRE, 1967) é, ao contrário, muito mais citado do que o seu livro clássico, onde apresenta pela primeira vez a sua interpretação original do marxismo (ZEHURI, 2024).

Book	Author	Date*	Discipline	Citations
The Structure of Scientific Revolutions	Thomas Kuhn	1962	Philosophy	81,311
Diffusion of Innovations	Everett Rogers	1962	Sociology	72,780
Pedagogy of the Oppressed	Paulo Freire	1968/1970	Education	72,359
Competitive Strategy	Michael E Porter	1980	Economics	65,406
Imagined Communities	Benedict Anderson	1983	Political Science	64,167
Mind in Society	LS Vygotsky	1978	Psychology	63,809
Discipline and Punish	Michel Foucault	1976/1977	Philosophy	60,700
A Theory of Justice	John Rawls	1971	Political Science	58,594
Social Foundations of Thought and Action	Albert Bandura	1986	Psychology	55,324
The Interpretation of Cultures	Clifford Geertz	1973	Anthropology	48,984
The History of Sexuality (3 Volumes)	Michel Foucault	1978-1986	Philosophy	47,955
Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation	Jean Lave and Etienne Wenger	1991	Education	47,627
The Fifth Discipline	Peter M Senge	1992	Management	43,876
Institutions, Institutional Change and Economic Performance	Douglass North	1990	Economics	43,411
Culture's Consequences	Geert Hofstede	1980	Management	42,144
The Presentation of the Self in Everyday Life	Erving Goffman	1959	Sociology	40,573
Das Kapital	Karl Marx	1867-1894	Economics	40,237
Distinction: A Social Critique of the Judgement of Taste	Pierre Bourdieu	1984	Sociology	39,729
The Social Construction of Reality	Peter Berger and Thomas Luckmann	1966	Sociology	38,845
Metaphors We Live By	George Lakoff and Mark Johnson	1980	Linguistics	38,723
Stress, Appraisal and Coping	Richard Lazarus and Susan Folkman	1984	Psychology	38,665
Communities of Practice	Etienne Wenger	1999	Psychology	37,775
The Economic Institutions of Capitalism	Oliver Williamson	1985	Economics	37,651
Motivation and Personality	Abraham Maslow	1954	Psychology	37,614
Attachment	John Bowlby	1969	Psychology	37,318

O volume de citações ao Pedagogia do Oprimido em português, segundo o Google Acadêmico, é tão insignificante que chama a atenção e chega a parecer um dado inconsistente. Porém, é perfeitamente coerente com a discrepância entre interpretações de autores como Paula Allman (2007, p. 58, tradução livre), que afirma: “Eu me baseio no pensamento de Marx, juntamente com o de Paulo Freire e Antônio Gramsci, as duas pessoas que, na minha opinião, foram as que mais avançaram na aplicação de Marx em seu pensamento sobre a prática educacional”. Há outros autores que o aproximam de Gramsci (PIZZOLATO e HOLST, 2017; GIROUX, 1985; MCLAREN, 2000); e aqueles que o vinculam ao marxismo ou ao



materialismo dialético de forma mais ampla (STÁNCZYK, 2021; SUORANTA, 2023, 2021; AU, 2017)⁵.

Reconhecer as limitações das interpretações acadêmicas sobre Freire no Brasil, condição para descobrir o que se perdeu nas batalhas da História. A leitura de Freire à contrapelo, inspirada nas *Teses Sobre o Conceito de História*, de Benjamin (1987), permite identificar não apenas uma criticidade do autor, perdida pelos seus herdeiros diretos e indiretos, apropriada e desfigurada pelos seus adversários e revelada pelo romper do “ovo da serpente”, no desespero dos fascistas. A História e suas ironias podem ter nos reservado esse reencontro bizarro, redescobrimo Freire a partir de sua demonização, enquanto a sua canonização apenas o banalizou (BRAYNER, 2017). E, assim, redescobrimo a própria história escondida por trás do véu ideológico da classe dominante, poderemos entender o que torna Paulo Freire um clássico do pensamento mundial: a organicidade com os processos sociais de luta e emancipação latino-americanos.

Defendo que a canonização do educador ofuscou “o educador do educador” e seus principais aprendizados e ensinamentos, soterrados na barbárie civilizatória como sugere a imagem benjaminiana do Anjo da História (a partir do quadro *Angelus Novus*). Sem compreender questões como a distinção freireana entre *trabalhos educativos* e *educação sistemática* a obra do autor se esvazia de seu caráter clássico e original, motivo pelo qual o autor é tão frequentemente utilizado de maneira acrítica. Realmente, sem uma leitura crítica de sua obra poderíamos dizer que é um autor muito próximo ao escolanovismo ou à democracia cristã. E essas características, que fazem parte da história de Freire, justificam também que ele não seja considerado um clássico. Ainda que aqueles que o interpretem dessa maneira não cheguem a dizer isso abertamente, na prática é o que decorre: ele não poderia ser considerado um clássico se parássemos aí.

5 Também há marxistas no exterior que atribuem a Freire um pensamento idealista. Como Gibson (2008), que identifica dois Freires: um idealista e outro mecanicista, pseudo-marxista. Do mesmo modo, há pelo menos um intérprete brasileiro dentre os mais influentes que considera Freire um materialista, como Haddad (2008). Essa é certamente a exceção para os intérpretes brasileiros, ainda que haja outros que eventualmente vão na mesma direção.



A reflexão sobre uma educação como ação cultural ou organização política de classe e uma educação sistemática para um Estado socialista de transição é uma das grandes contribuições originais do educador (Freire, 2018, p. 57). Alguns insistem na humildade do diálogo como subterfúgio para reafirmar o relativismo negacionista da pós-modernidade, afirmando uma pedagogia *do Paulo Freire*. Outros negam o diálogo, afirmando que este seja, por princípio, um valor burguês que só coaduna a dominação ideológica da burguesia. Nas palavras de Fiori (1968), parafraseando Marx, a “pedagogia dominante é a pedagogia da classe dominante”. Por isso a educação é um “que fazer” estratégico. Retirar do oprimido o protagonismo histórico como sujeito-classe, autor da pedagogia do oprimido, é anular também a criticidade e o caráter profundo que torna Freire um clássico internacional. E vemos esse deslocamento muito evidente no Brasil, justificado pelos dados comparados aos autores estrangeiros.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, a busca por palavras chave nos mecanismos de busca do Google Docs e, em menor medida, do Microsoft Word, através das quais se produziram dados acerca das mudanças teóricas na obra freireana. Além disso, com relação às citações das obras, foi feita uma pesquisa no Google Acadêmico, mesma ferramenta utilizada pelo professor Elliot Green para evidenciar o alcance de Freire no mundo acadêmico a nível internacional. A partir da descoberta de uma discrepância significativa entre as citações das obras foram elaborados os gráficos que têm com objetivo evidenciar ainda mais a contradição entre as leituras de Freire no Brasil e no exterior.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O desenvolvimento da pesquisa revelou uma contradição significativa entre o significado da obra freireana no Brasil e no exterior, reafirmando uma ideia já existente de que ele seria um mal compreendido em sua própria língua. Concordamos com Brayner (2017), acerca da idolatria que idealiza e vulgariza ao mesmo tempo Freire. Mas, investigando o que o faria um autor clássico, também descobrimos aspectos





denso de sua obra que não são valorizados por grande parte dos intérpretes brasileiros que preferem contradizer tais teses do que reforçá-las e evidenciá-las. É o caso da defesa de um Estado de transição revolucionário, da defesa da violência como instrumento de transformação social, presentes de maneira explícita em *Pedagogia do Oprimido*, mas ignorados por aqueles que querem fazer prevalecer as concepções de Educação como Prática da Liberdade.

O problema está, não na discordância em relação a quais teses freireanas julgamos mais interessantes, mas na ignorância em relação a existência de uma parte delas nas suas obras mais relevantes. E o coro marxista, que afirma (ou silêncio?) que Freire é um autor idealista, um escolanovista popular (Saviani, 2011). Se ele é de fato um clássico, a evidência dessas contradições ou silêncios abre caminho para um longo debate, como deve ocorrer com um texto assim classificado. E vale a pena perguntar, certamente, o que motivou tal contradição nas leituras de sua obra em nosso país?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, é suficiente dizer que tais resultados são possíveis nesse momento histórico graças às contradições que nos obrigam a rever nossas posições, como o posicionamento da direita em relação a Freire e às políticas precariamente reformistas dos governos petistas. Isso nos obriga a encarar os limites de nossas práticas e elaborações. Certamente o balanço sobre a obra de Freire é uma oportunidade de, não apenas honrar um dos clássicos do pensamento mundial tão subestimado em sua própria terra, como também reencontrar os caminhos da transformação social e cultural que permita almejar uma nova educação e uma nova sociedade.

REFERÊNCIAS

ALLMAN, Paula. **On Marx: An Introduction to the Revolutionary Intellect of Karl Marx**. Sense Publishers. Rotterdam, 2007.

AU, Wayne. The Dialectical Materialism of Paulo Freire's Critical Pedagogy. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 2, p. 171-195, Maio./Ago. 2017.

BENJAMIN, Walter, **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Editora Brasiliense, 1987.

BRAYNER, Flávio Henrique A. “‘Paulofreireanismo’: instituindo uma teologia laica?”. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22 n. 70 jul.-set. 2017.





COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. **Relatório: textos temáticos** / Comissão Nacional da Verdade. – Brasília: CNV, 2014. 416 p. – (Relatório da Comissão Nacional da Verdade; v. 2).

FIORI, Ernani Maria. **Prefácio**. Em: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 65ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 65ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

_____. **Educação como Prática da Liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

_____. **Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1981.

GIBSON, Rich. The Dead End at Freire. Discurso na **Canadian Society of the Study of Education**, University of British Columbia. Vancouver, 2008. Acessível em: http://www.richgibson.com/rouge_forum/CSSE2008/GibsonCSSE2008.

HADDAD, Sérgio. Opção radical pelo oprimido. **40 olhares sobre os 40 anos da pedagogia do oprimido** / Moacir Gadotti, (org.). — São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008 — (Instituto Paulo Freire. Série Cadernos de Formação; 1).

IASI, Mauro Luis. **A Metamorfose da consciência de classe: o PT entre a negação e o consentimento**. 2ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

KIRKENDALL, Andrew J. **Paulo Freire & the Cold War Politics of Literacy**. University of North Carolina Press, 2010.

LOVATTO, Angélica. ISEB: do nacional-desenvolvimentismo à revolução brasileira. Dossiê: ISEB e o desenvolvimento nacional. **Revista Princípios**, n. 162, jul./out de 2021. Disponível em: <https://revistapricípios.emnuvens.com.br/principios/article/view/148>, acessado em 29/04/2024.

LINDSAY, James. **The Marxification of Education: Paulo Freire's Critical Marxism and the Theft of Education**. New Discourses. Orlando, 2022.

MCLAREN, Peter. **Che Guevara, Paulo Freire and the Pedagogy of Revolution**. Rowman & Littlefield, 2000.

MANFREDI, Silvia. **Política: educação popular**. São Paulo: Editora Símbolo, 1978.

STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. 2ª edição. Autêntica, 2015.

PAIVA, Vanilda Pereira. Sobre a influência de Mannheim sobre a pedagogia de Paulo Freire. Disponível no Acervo Paulo Freire. **Revista Síntese**, v. 5, n. 14, 1978.





PIZZOLATO, Nicola; HOLST, John D. Gramsci, Politics and Pedagogy: An Interpretative Framework. **Critical Studies of Education**, vol 5. Antonio Gramsci: a pedagogy to change de world. 2017, Springer, Qebéc, Canadá.

RODRIGUES, Fabiana de Cássia. **Debate educacional nas origens da “Nova República” : a defesa da escola pública em projetos editoriais de 1978 a 1985** / Fabiana de Cássia Rodrigues. – Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2022.

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 4ª edição. Campinas: Editora Autores Associados, 2011.

_____. Paulo Freire, Centésimo Ano: Mais que um Método, uma Concepção Crítica de Educação. **Revista Educação & Sociedade**. Seção Comemorativa - Paulo Freire 100 anos, v. 42. Campinas, 2021.

SCHLINDWEIN, I. G. C., & CATINI, C. de R. . Educação Popular como prática coletiva de insurgência e emancipação. **Revista Tempos E Espaços Em Educação**, 14(33), 2021.

SCHWARZ, Roberto. **Novos Estudos**. Cebrasp. Edição 1 - Volume v. 1 | n. 1 - dez. 1981. Acessível em: <https://novosestudos.com.br/produto/edicao-01/#>.

SILVA, Camila Téó. **A Gênese da Pedagogia do Oprimido**: o manuscrito. Dissertação de mestrado orientada por Marcelo Módolo. São Paulo, 2017.

STÁNCZYK, Piotr. The critique of the critical critique of critical pedagogy: Freire, Suchodolski and the materialist pedagogy of emancipation. *Critical Education*, 12(4), 2021. p. 1-24. Acessível em: <http://ojs.library.ubc.ca/index.php/criticaled/article/view/186502>.

SUORANTA, Juha. Paulo Freire: um educador marxista. **Revista Educere Et Educare**, Vol. 18, N. 46, Dossiê Princípios Transversais 2023.

VASCONCELOS, Joana Salém. **O lápis é mais pesado que a enxada**: reforma agrária no Chile e pedagogias camponesas para transformação econômica (1955-1973). Tese de Doutorado em História Econômica pela Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

ZEHURI, Yan Caramel. Pedagogia do Oprimido: Questões de Organização e Estratégia Revolucionária. Maria Erivalda dos Santos Torres, Danielle Jaiane Silva e Ricardo Santos de Almeida (Orgs.). XII COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE, Vol. 1, RECIFE-PE 2024.

